



A interferência do webjornalismo no relato da história imediata¹

Daniela Camila de ARAÚJO²
Patrícia Vargas Lopes de ARAÚJO³
Carlos Frederico de Brito D'ÁNDREA⁴
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Os meios de comunicação de massa são importantes propulsores da história imediata, ao lado dos historiadores imediatistas. As duas áreas convergem em diversos aspectos, sem, no entanto, se confundirem. Partindo destas semelhanças, este artigo propõe uma reflexão sobre os rumos da história imediata a partir da expansão das mídias sociais que quebram paradigmas das tradicionais mídias de massa, propondo uma nova forma de se fazer o jornalismo. Procurou-se destacar os elementos das mídias sociais que contribuiriam para um aprimoramento de determinadas características da história imediata, principalmente a instantaneidade e a personalização.

PALAVRAS-CHAVE: história; mídias sociais; jornalismo; webjornalismo; jornalismo cidadão.

1. O jornalismo, a história e o imediatismo

Para dar início a discussão que permeia a relação da comunicação e da imprensa com a história é necessário situar esta problemática no último século. Neste sentido, é importante destacar o que é exposto por Rioux no artigo *Entre jornalismo e história*. Rioux (1995), ao apresentar os paradigmas que envolveram estas duas profissões até 1960, ressalta que ambas se desenvolveram separadamente ao longo dos últimos séculos e mantiveram uma recíproca indiferença. Segundo ele, tinha-se a idéia que a “missão cotidiana (do jornalista) consistia em forçar a atenção do leitor ou do ouvinte para cada ‘papel’, em mergulhar sem enfado na torrente de acontecimentos confusos que faz a atualidade” (RIOUX, 1995, p. 120). O resultado do trabalho

¹ Trabalho submetido ao II 6 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Estudante de graduação do 7º período do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV, email: daniela.camila.araujo@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de História da UFV, email: patricia.lopes@ufv.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV, email: carlos.dandrea@ufv.br



jornalístico teria um caráter efêmero e geralmente não propunha uma reflexão acerca dos fatos e seus conseqüentes resultados em longo prazo nos diversos âmbitos da sociedade, como o econômico, o social e o cultural. Sendo assim, o relato jornalístico teria um caráter mais expositivo que analítico.

Já o historiador trata seu objeto de estudo à distância, conferindo a ele um caráter científico, e não analisa o acontecimento de forma isolada, mas correlaciona-o com a rede de acontecimentos que o cerca. Seu foco é diferenciar aquilo que é passageiro daquilo que traz efeitos duráveis.

(o historiador) escolhe o momento, torna objetivo seu propósito, pretende dar sentido, enquanto que o jornalista é o homem apressado que relata fatos juntados, que acredita entregar a vida em estado bruto, mas que a simplifica e desfigura mediatizando-a em jato contínuo, que recolhe material de qualquer jeito e inventa fontes sem poder tratá-las. (RIOUX, 1995, p.121)

No entanto, esse distanciamento foi contestado a partir da década de 1960 e por uma iniciativa da própria imprensa. Rioux ao delimitar essa mudança, apresenta os argumentos de Jean Lacouture, afirmando que o material elaborado pelo jornalismo passa a exercer um olhar crítico sobre os temas abordados, inserindo-os “num percurso retrospectivo e numa problemática de interações entre o passado e o presente”, reservando a si o direito de criar uma “história imediata”. (RIOUX, 1995, p. 122)

Assim é caracterizada a história imediata por Jean Lacouture:

Próxima, participante, ao mesmo tempo rápida na execução e produzida por um ator ou uma testemunha vizinha do acontecimento, da decisão analisada – tal seria a operação histórica que queremos considerar aqui. (...) Não é por acaso que o veículo ou lugar privilegiado da ‘história imediata’ assumiu a denominação global de meios de comunicação de massa. (LACOUTURE, 1993, p. 216)

A atuação do jornalismo como agente produtor da história, pode ser exemplificada por casos célebres da imprensa como a cobertura dos eventos ocorridos em 1968 e Watergate. O ano de 1968 foi lendário não somente pelos acontecimentos de contestação da cultura e dos regimes vigentes, mas foi marcado também pela proliferação desses acontecimentos pelo mundo através das emissoras de rádio e Tv e os demais meios de comunicação, que retrataram em tempo real os movimentos que ocorriam nas mais diversas partes do planeta. No caso Watergate, Lacouture diz que “o historiador-repórter entra, aqui, em seu tema não só para dele fazer um



acontecimento – o que é, em primeiro grau, seu ofício -, mas para fazer desse acontecimento o fim de certa história”. (LACOUTURE, 1993, p. 223-224)

Já ao referir-se ao historiador imediatista, Lacouture afirma que este “coloca seu estudo como uma escada ao longo de um muro, o muro do acontecimento. Ele precisa subir depressa nela, sondar de um só lance, descobrir rápido, exprimir-se numa espécie de arroubo, pressa e ardor” (LACOUTURE, 1993, p. 225). A partir dessas considerações é possível notar a estreita relação do jornalismo e da história imediata, ambos buscando a instantaneidade do acontecimento, ao mesmo tempo em que procuram contextualizá-lo em um tempo significativo da história.

Mas o estudo do presente foi por muito tempo questionado, uma vez que a história era vista como a ciência que se debruça sobre o passado. Somente nos anos 70 esta área do conhecimento vai voltar sua atenção para a história do presente ou história imediata. Até então era considerado que o objeto de estudo da história, ou seja, o acontecimento histórico deveria estar encerrado e conservar certo distanciamento temporal do historiador que o analisa. Isso porque, considerava-se que o envolvimento do autor no fato em que analisa poderia imprimir neste estudo avaliações pessoais e, portanto parciais, que prejudicariam uma visão ampla e social do assunto, livre de preconceitos.

Esse dogma da imparcialidade é também fonte de discussão no jornalismo. Cumpri-lo, no entanto, é tão árduo para o jornalista quanto para o historiador do presente, uma vez que é difícil desvincular ideologias e experiências arraigadas pela vivência do seu próprio tempo. Mas o prejuízo que este envolvimento traria ao objeto de estudo é questionado entre vários pensadores. Eric Hobsbawm argumenta que “uma experiência individual de vida também seja uma experiência coletiva” (HOBSBAWM, 1998, p.244), o que conservaria a importância social do fato analisado em um âmbito social mais amplo. Por outro lado, mesmo no estudo do passado as ideologias e opiniões pessoais permanecem conservadas e podem influir nas conclusões, não são características apenas da história do nosso tempo.

Ao mesmo tempo, a análise de quem viveu seu próprio tempo pode ser precipitada em alguns aspectos por presenciar o calor do momento e ignorar a conclusão dos fatos. Mas Lacouture diz que “conhecer o desfecho de um combate talvez leve a subestimar o vigor e o dinamismo do vencido” (LACOUTURE, 1993). Sendo assim, a história imediata além de dar voz aos atores que a vivenciaram, pode



trazer percepções ou detalhes que passariam despercebidas por alguém que analisasse o fato após o seu desfecho.

Outra problemática apontada ao historiador e que de se enquadra também ao ofício do jornalista é a relação e o acesso a certas fontes de informação como pressupõe Eric Hobsbawm: “O problema fundamental para o historiador contemporâneo em nosso tempo infinitamente burocratizado, documentado e inquiridor é mais um excesso incontrolável de fontes primárias que uma escassez das mesmas” (HOBBSAWM, 1998, p.254). Boa parte dessas fontes pretende mais se promover e impor seu ponto de vista, que colaborar para um registro adequado do fato. Situação que se repete da mesma forma no jornalismo, com problemas ainda maiores, uma vez que alguns dos próprios veículos midiáticos já assumem o posicionamento dessas fontes, principalmente as oficiais. A informação coerente e isenta fica prejudicada e com ela a função social do jornalismo de oferecer à população informação verídica e de qualidade.

Lacouture acrescenta o problema financeiro, que se é pertinente ao historiador é ainda mais evidente para o jornalista, em sua relação conflituosa com os anunciantes:

Quanto mais a técnica documentária é diferenciada, de alto nível e cara, mais a liberdade do historiador é frágil. Quando se coloca o problema do financiamento, do ‘produtor’, das despesas de viagem, também se coloca o da liberdade de manobra e de expressão. (LACOUTURE, 1993, p.229)

Essa relação com as fontes revela outro efeito que compromete questões sociais tanto no jornalismo como na história. “No imediato, os ‘pequenos’ se calam” (LACOUTURE, 1993, p.234), isso porque a tendência do “imediatista” é trabalhar com os acontecimentos de grande repercussão, nos quais a presença das fontes oficiais é mais freqüente e onde geralmente as minorias têm muito mais a perder se manifestando. Em ambas as profissões é necessária a filtragem e seleção criteriosa das fontes.

Nesta introdução citamos alguns dos aspectos em que a história e o jornalismo convergem, sem, no entanto se confundirem. Sendo assim, seria possível que mudanças tecnológicas e sociais que atingem o jornalismo, transformando alguns de seus atributos – a imparcialidade, a instantaneidade, o acesso às fontes, a universalidade, a atualidade e a permanência no tempo – possam também trazer alterações ao trabalho do historiador do imediato?



2. A Web 2.0 e as novas possibilidades do “interagente”

Na década de 90 o mundo conheceu a ferramenta que daí por diante transformou toda a forma de comunicação, arquivamento e transferência de dados conhecida até então, a Internet. Naquela época ainda não era possível precisar o avanço que essa tecnologia sofreria em menos de duas décadas e o quanto ela poderia transformar alguns dos paradigmas da comunicação de massa.

Focando esta discussão no campo jornalístico, nos primeiros anos poucas foram as diferenças percebidas. Em um primeiro momento o jornalismo praticado na internet ou o “jornalismo online” era apenas a transposição do que já se fazia no impresso para a mídia digital. O leitor transformado em usuário não tinha espaço para participação efetiva.

Mas a tranqüilidade não duraria muito. Em menos de cinco anos de uso da internet, os jornalistas notaram que a simples reprodução do modelo vigente não surtiria efeito. A nova mídia proporcionava uma possibilidade de publicação instantânea a qual o jornalismo não estava habituado. Associada a um “enxugamento das redações” torna o jornalista responsável por todo o conteúdo desde a apuração a edição, tudo isso em um tempo cada vez menor.

Segundo d’Andréa (2009), o resultado é a substituição de textos elaborados e consistentes pela publicação de notas dispersas e contraditórias entre si cada vez que é necessária a atualização de um tema. Ao mesmo tempo passa a ser recorrente a presença de erros de apuração e redação:

A possibilidade da publicação de notícias “em tempo real” na internet acelerou uma tendência de autopublicação do conteúdo pelo repórter, marcada por erros que poderiam ser evitados por um revisor ou editor, e pela liberação apressada de matérias que, minutos depois, serão substituídas por outras, gerando uma fragmentação excessiva do texto jornalístico. (D’ANDRÉA, 2009, p.1)

A partir do momento que o internauta utiliza os hipertextos e o acesso amplo a uma multiplicidade de conteúdos para selecionar apenas aquilo que o interessa, tem início um processo de independência do usuário que pode dispensar a hierarquização da mídia.

Com a explosão da Web 2.0 esta independência fica mais evidente. A Web 2.0 corresponde a uma nova geração de tecnologias e serviços online que favorece e facilita as formas de publicação e compartilhamento de dados na internet, permitindo



uma interação entre os usuários. Exemplos dessas novas mídias são os blogs, microblogs (twitter), podcasts e destacamos a plataforma tecnológica Wiki. Ao contrário dos blogs, que geralmente apresentam conteúdo autônomo e pessoal, os wikis mantêm conteúdos elaborados e permanentemente negociados em conjunto pelos envolvidos na produção.

Ao mesmo tempo as inovações tecnológicas e a necessidade de um novo modelo para o jornalismo na mídia online, contribuem para o surgimento do webjornalismo. Este termo é mais específico que o jornalismo online e designa toda a publicação jornalística veiculada na World Wide Web (WWW). Suas características são a “multimedialidade ou convergência (vários meios convergindo em um só), hipertextualidade, personalização, instantaneidade ou atualização contínua e memória” (PALACIOS, 2003 apud LINDEMANN, 2007, p. 48).

Aos poucos a fronteira entre autor e leitor toma novas dimensões, quebrando o antigo processo emissor→meio→receptor. A exploração de tecnologias de fácil acesso possibilita ao usuário, mesmo sem nenhum conhecimento em programação, iniciar uma produção própria de conteúdo. Lindemann afirma que agregada a esse contexto a web 2.0 faz emergir o webjornalismo participativo, que remete a idéia de produção de notícias na rede mundial de computadores a partir de qualquer usuário (LINDEMANN, 2007, p. 48). O cidadão tem a oportunidade de criar seu próprio conteúdo, seja individualmente, em conjunto com outros usuários ou pela mediação do profissional da imprensa, que seleciona o produto a ser publicado de acordo com os critérios de noticiabilidade.

A produção aberta de notícias dá voz a indivíduos silenciados e muitas vezes insatisfeitos com a abordagem da mídia. A interação acontece em menor ou maior grau a depender da forma de mediação (ou a ausência desta) exercida pelo canal midiático, chegando muitas vezes a ser dispensada a participação de um jornalista. Primo e Träsel (2006) sugerem que o termo usuário, que remete a idéia de consumidores de hardware e software é inadequado neste novo cenário e os denomina interagentes.

O que motiva essa participação é mais que a vontade de expressar idéias ou opiniões. Muitas das vezes a motivação vem de uma insatisfação com o que vem sendo abordado pelos meios de comunicação de massa.

A produção e circulação de notícias desvinculada de grandes empresas de comunicação e da imprensa oficial, praticada até mesmo por pessoas sem formação em jornalismo, têm também um sentido político, sendo com frequência um instrumento de resistência e



ativismo. Os sites de jornalismo participativo Ohmynews e Centro de Mídia Independente (CMI) têm justamente esse caráter em sua gênese. (PRIMO, TRÄSEL, 2006, p. 17)

O Ohmynews surgiu em 2000 durante o processo de redemocratização da Coreia do Sul. Mesmo após anos de ditadura militar, grupos de mídia conservadores exerciam o controle de 80% da imprensa nacional. Ao permitir que cidadãos comuns enviassem artigos com publicações locais, o Ohmynews (<http://english.ohmynews.com>) objetivava a defesa de pontos de vista diferentes dos apresentados pela mídia nacional, democratizando a informação.

Com o slogan *“Don’t hate the media, become the media”*, o CMI (<http://www.midiaindependente.org/>) surgiu em 1999 para fazer a cobertura das manifestações contra a Organização Mundial do Comércio em Seattle. O sucesso da cobertura fez com que o projeto se estendesse por outras partes do mundo, criando sites permanentes com um cunho ativista e politizado. “Em 2003, novamente, o CMI ‘furou’ toda mídia norte-americana ao registrar a brutalidade policial durante protestos contra a invasão do Iraque em São Francisco” (GILMOR, 2005 apud PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 6).

Exemplos como esse instituem um novo conceito: o cidadão-repórter. Sua importância está no fato de apresentar uma nova visão para fatos importantes dessas sociedades que por vezes são negligenciados não só pelos meios de comunicação social, mas pelos governantes e até mesmo pela própria história. Ao mesmo tempo contribuem para o registro de uma história local e uma maior interação entre indivíduos.

A questão da memória social vem emergindo como muito importante na cibercultura, com a multiplicação de projetos de memória local, regional e nas próprias comunidades criadas no ciberespaço. Hoje em dia, cada vez mais as pessoas percebem a importância de terem suas próprias histórias como tema e como essa construção de vínculos é importante para a própria auto-estima. Então é positivo ver a memória social em pauta, abordada com a possibilidade de trocas de experiências, de questionamento e apreensão mais rápida. (OLIVEIRA, 2008, p. 3)

Nessa nova realidade, além de jornalistas e historiadores “imediatistas”, a sociedade conectada e os seus cidadãos-interagentes também contam sua história por sua própria voz ou suas próprias palavras de forma instantânea. Uma nova geração de “imediatistas” está em curso.



3. As Consequências da produção aberta de conteúdo

A partir das características apontadas por Jean Lacouture, e citadas anteriormente, para representar a história imediata, será analisada como a produção aberta de conteúdo pode impactar alguns destes elementos, como a proximidade (considerada tanto na forma temporal como espacial), a participação, a instantaneidade e a produção realizada por um ator ou uma testemunha do acontecimento.

a) A cauda longa da abundância de conteúdo

A teoria da cauda longa se aplica à economia para representar a oferta e a demanda por produtos, demonstrando que existe uma grande procura por um conjunto pequeno de produtos (os hits ou produtos populares) e uma busca reduzida para um conjunto elevado de produtos, destinados aos nichos. Com a internet, uma série de produtos e conteúdos capazes de atender a públicos segmentados se tornou mais acessível, se contrapondo a indústria de massa que sempre explorou produtos padronizados destinados a um grande público, uma vez que a produção e disponibilização de artigos diversificados para atender a demanda de consumidores diferentes infligia custos elevados.

Essa teoria se popularizou com Chris Anderson em 2004, quando ele “utilizou o termo na revista Wired para se referir a economia da abundância - ‘o que acontece quando os gargalos que se interpõem entre a oferta e a demanda em nossa cultura começam a desaparecer e tudo se torna disponível para todos.’” (ANDERSON, 2006 apud FIALHO e SCHMITT, 2007, p.2). Ela revela uma migração do mercado de massa para o mercado de nichos, no qual cada indivíduo tem uma maior possibilidade de escolhas.

A receita total, descontando-se as despesas, dos produtos de grande sucesso é a mesma de uma multidão de produtos voltados para grupos específicos (os nichos), com baixos volumes de vendas. (Fialho e Schmitt, 2007).



Figura nº1: gráfico demonstrativo da Cauda longa

Fialho e Schmitt (2007) estudaram a aplicação desta teoria no jornalismo no contexto do webjornalismo participativo. O consumo de informação sofre as mesmas mudanças e os mesmos efeitos dos produtos da indústria de massa. A web 2.0 e as mídias sociais (blogs, microblogs, twitter, sites colaborativos) possibilitam uma multiplicidade de conteúdo que é cada vez mais segmentado, ao mesmo tempo em que atendem assuntos e populações não privilegiados na grande mídia. A cauda longa vai nortear todos os outros aspectos de mudança do jornalismo tradicional para o colaborativo.

Sob esta perspectiva, percebe-se que as novas mídias e a interação do cidadão trazem à tona dois pontos destacados por Lacouture como características do processo da história imediata: a informação veiculada é próxima e participante. A tendência é que as pessoas publiquem experiências pessoais, trabalhos e projetos desenvolvidos por si mesmos ou fatos que presenciaram. Também é uma maneira de reunir uma série de conteúdos acerca de um mesmo tema que estão dispersos na internet.

O canal de webjornalismo participativo Slashdot (<http://slashdot.org/>) é um dos projetos mais conhecidos na área de tecnologia informática e demonstra o caráter de segmentação executado pela mídia social. Cada tópico/notícia do site apresenta um resumo de informações ou notícias encontradas na web sobre o tema e permitem que outros colaboradores do site ou apenas frequentadores comentem os textos.

O que mais se destaca no site é grande quantidade de comentários que os interagentes fazem sobre cada tópico. Ou seja, os frequentadores desse site buscam não apenas uma fonte de informações, mas principalmente um espaço de discussão, que conta com a frequente contribuição de “celebridades da área tecnologia. (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.12)



O público que acessa este conteúdo, geralmente tem os mesmos interesses, revelando uma proximidade entre ambos. Essa relação social que cria vínculos entre os indivíduos foi também abordada por Oliveira, mas este ressalta neste aspecto elementos de uma preservação da memória coletiva ou individual.

Voltando-se um pouco para o passado, pode-se perceber uma convergência de maneiras diferentes de preservar a memória. A Internet é um espaço fundamental para isso hoje, desde que possa ser compartilhada e desde que o acesso seja democratizado. Os meios se somam. A preservação de som, imagem e texto permite que essa relação seja mais rica, desde que quem produz a informação possa se reconhecer no que está lá, de alguma maneira. Isso permite a criação de vínculos. As tecnologias, em si, não são nem positivas nem negativas, desde que a sociedade consiga se perceber ao ver sua história retratada. (OLIVEIRA, 2008, p. 4)

Não se trata de considerar apenas a nova tecnologia em uso e as facilidades que proporciona, mas os resultados sociais dessa nova forma de comunicação e expressão. Como acredita Escobar (2009), as tecnologias não determinam, mas condicionam fenômenos socioculturais. As relações interpessoais, aparentemente distanciadas pelos meios digitais, ganham nova forma de interação e ao mesmo tempo outra maneira de se expressarem.

b) Cauda longa do tempo

Na mídia tradicional o ciclo de vida da notícia gira em torno de 24 horas. No dia seguinte a informação não tem mais destaque a menos que novos dados relevantes possam ser acrescentados. Em 24 horas, o público que deveria ter acesso a informação já o fez. Online a notícia tem um ciclo de vida estendido até 36 horas, mas com um diferencial, mesmo depois que tenha perdido o caráter de novidade, essa informação poderá ser acessada em qualquer tempo por qualquer pessoa, porque ficam armazenadas e disponíveis em arquivos digitais. (FIALHO e SCHMITT, 2007)

O acesso a esse conteúdo independe da divulgação dos meios midiáticos tradicionais, que apenas mantém o assunto em evidência enquanto lhe é conveniente. Na internet, os sistemas de recomendação de notícias e os mecanismos de busca (Google, Yahoo, etc), bem como a própria indicação pessoal (via e-mail, twitter, etc), permitem que a relevância do conteúdo extrapole questões temporais e a noção de novidade. (FIALHO e SCHMITT, 2007)



Os valores-notícia na web estão mais relacionados à relevância de longo prazo e a confiabilidade. Dessa forma, contribuem para a maior importância do acontecimento no tempo e permitem sua relação com uma cadeia mais significativa de eventos, uma vez que a medida que a informação se propaga gera novas discussões em torno do tema e sua correlação com outros assuntos. Isso pode ser percebido por links que relacionam uma notícia ou texto a tópicos correlatos, situação bastante presente nos blogs e no twitter.

Percebe-se que aliada à instantaneidade, com a internet é possível que o material tenha maior repercussão no tempo. Ao passo que na TV ou no rádio a notícia é instantânea no exato momento em que é transmitida, mas depois se perde, uma vez que não é possível assistir ou ouvir o mesmo conteúdo em outro momento. Ele só será retransmitido a critério do emissor. Na internet esse conteúdo ficará disponível por tempo indefinido e na maioria dos casos com um acesso ilimitado.

c) A instantaneidade e a produção pessoal

A popularização de aparelhos eletrônicos como máquinas fotográficas, filmadoras e celulares, que permitem o registro de imagens, vídeos e o envio de mensagens multimídia, associada à facilidade de publicação deste conteúdo na rede, tornaram a notícia mais instantânea do que nunca.

Essas tecnologias de comunicação móvel facilitam o registro de fatos no momento em que eles ocorrem. As empresas jornalísticas passaram a contar com a pulverização de fontes de imagens e informações mesmo onde não haja qualquer jornalista ou repórter-fotográfico. E não faltam ilustrações sobre os processos distribuídos e capilarizados que subsidiaram a ampliação da cobertura de grandes notícias: o ataque as torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001; o tsunami no sudeste asiático em 2004; as explosões no metrô de Londres em julho de 2005. (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 4)

Em questão de minutos, páginas e páginas de informação poderão ser atualizadas a respeito de um fato que tenha acabado de acontecer. Além disso, uma multiplicidade de percepções e opiniões também estará disponível mostrando várias faces de um mesmo assunto. A inserção de um caráter pessoal ao que é publicado, seja por meio de uma opinião ou o simples relato de algo que se testemunhou, pode imprimir certo caráter de credibilidade, desde que o produtor se identifique. “É natural que o ser humano acredite mais naquilo que lhe é dito por conhecidos, por



quem está próximo, por aqueles com quem mantém algum laço afetivo” (BRAMBILLA, 2008, p. 33). Essa proposição vai contra ao dogma da imparcialidade, sob o qual o posicionamento do emissor a respeito do fato traria prejuízos à credibilidade.

Brambilla (2008) estabelece alguns critérios para que esse fluxo de informações seja adequadamente selecionado. Primeiramente é necessário que o produtor ou o interagente se identifique, pois para que a informação seja credível é necessário conhecer sua procedência. Um segundo ponto é a filtragem de conteúdo. As próprias relações comunitárias que se formam na rede criam mecanismos de seleção e até exclusão daquilo que considerarem não convenientes. O wikinews, por exemplo, apesar de dispensar a atuação de um jornalista profissional, tem um sistema de administração composto por seus colaboradores mais atuantes que são responsáveis por corrigir eventuais erros e têm autoridade para desligar membros que realizem atos de vandalismo. O mesmo acontece na Wikipédia e outros canais colaborativos. Para Brambilla, no entanto, essa mediação só deveria ser feita por jornalistas, mas essa discussão não vem ao caso neste artigo. O que é importante afirmar é que essa filtragem precisa acontecer para que se eliminem, pelo menos em parte, os possíveis erros.

d) O hiperlocalismo

Enquanto alguns sites colaborativos mantêm assuntos de interesse internacional, como o Ohmynews e CMI, outros voltam sua atenção para temas locais.

Uma dona de casa de Watertown, subúrbio de Boston, insatisfeita com a cobertura noticiosa dos veículos de comunicação da região, criou o blog H2otown para divulgar os acontecimentos de sua própria comunidade. Para Primo e Träsel “o papel principal do webjornalismo participativo é cobrir o vácuo deixado pela mídia tradicional, (...) para a qual noticiar eventos ‘menores’ em vilarejos é anti-econômico”. (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 8).

Em outros casos, a iniciativa pode partir da própria mídia tradicional. É o caso do site colaborativo *Bairros.com* (<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/>), filiado da *Globo.com*. A temática do site são acontecimentos cotidianos dos moradores do Rio de Janeiro, desde eventos a problemas de segurança pública. A criação do site é uma



estratégia para aproximar a audiência, uma vez que a linha editorial do Bairros.com e do Globo.com são semelhantes e constantemente são encontrados links para o site principal do O Globo.

O hiperlocalismo é um suporte para a valorização de culturas locais e a descentralização da informação. Esse conceito evidencia algumas das características da história imediata: a proximidade, a participação e a produção realizada por um ator que vivencia o fato.

4. O caso *Salam Pax*

Uma das primeiras mídias sociais a se popularizar em todo o mundo foram os blogs. E foi a partir de um blog pessoal que se registrou um dos primeiros casos do jornalismo cidadão na web, no qual um indivíduo “noticiou” sua própria história.

Entre 2002 e 2003, quando estouraram as invasões americanas no Iraque, um jovem iraquiano, de pseudônimo *Salam Pax*, postava em seu blog um lado da história que pouca gente conhecia. O blog *Where’Raed* era um meio que Salam Pax usava para se comunicar com o amigo Raed que morava na Jordania. Mas em meio a postagens pessoais direcionadas ao amigo, a ameaça presente de uma invasão americana modificou o teor dos textos. As publicações seguintes falavam da visão do blogueiro sobre a segunda Guerra do Golfo, mas ressaltando aquilo que a grande mídia, principalmente a ocidental, não divulgava. O blog relatou o cotidiano dos iraquianos em meio a guerra e por meio de uma linguagem irônica criticava tanto o governo de Sadam Hussein, quanto o oportunismo do governo Bush que insistia em afirmar seu empenho na guerra contra o terror.

A cobertura jornalística de guerra e, mais que isso, o retrato histórico das guerras, não seriam mais os mesmos depois deste episódio. O conteúdo do blog passou de mera curiosidade a fonte fundamental de informação para muitos. Salam Pax alcançou grande popularidade e espaço na mídia tradicional. Escreveu para uma coluna do diário britânico ‘The Guardian’, publicou um vídeo que fez quando saiu pelas ruas de Bagdá na BBC2 e seus posts renderam o livro ‘O Blog de Bagdá’.

Apesar do grande número de jornalistas presentes na zona de conflito, o relato da situação dos iraquianos ainda ocupava espaço secundário. Salam Pax conseguiu com uma ferramenta simples de publicação o que inúmeras redes de imprensa não foram capazes de realizar mesmo com todo o seu aparato técnico.



5. Conclusão

Apesar de ter sido a comunicação de massa a maior responsável pela propagação da história imediata, a explosão da web 2.0 e das mídias sociais evidenciaram o que de mais peculiar esse ramo da história apresenta: a personalização e instantaneidade do discurso.

As principais características da história imediata (Próxima, participante, de rápida execução e produzida por uma testemunha do acontecimento) estão intimamente relacionadas àquelas que se destacam no webjornalismo ou no jornalismo cidadão: personalização, instantaneidade e memória.

Grande parte do que as próprias mídias sociais publicam ainda tem forte relação com aquilo que os meios de comunicação tradicionais colocam em pauta, mas gradativamente o movimento inverso tem sido feito e é a sociedade que começa a pautar a mídia, como na verdade sempre deveria ser. Por outro lado, ao tratar do mesmo assunto da grande mídia, o jornalismo cidadão traz a oportunidade de discussão e crítica do que está no ar.

Mas além da preocupação com a multiplicidade de conteúdo e os valores implicados nesta nova forma de divulgação é necessário estar atento para esta pluralidade de vozes. A possibilidade de discussão e produção de informações pelo público (leitor, receptor) abre espaço para que assuntos de cunho social venham à tona e sejam amplamente divulgados.

As mídias sociais acrescentam sentido a ideia com a qual Eric Hobsbawm termina sua conferência proferida na Universidade de Londres em 1993 (HOBBSAWM, 1998), ao citar Reinhard Koselleck: “No curto prazo, a história pode ser feita pelos vencedores. No longo prazo, os ganhos em compensação histórica têm advindo dos derrotados”.

6. Referências Bibliográficas

BRAMBILLA, Ana Maria. Olhares sobre o jornalismo colaborativo. In: CAVALCANTI, Mario Lima. (org.) **Eu, mídia: a era cidadã e o impacto da publicação pessoal no jornalismo**. Rio de Janeiro: Opvs, 2008, cap. 3, p. 29-43.



CHAVEAU, Agnès. TÉTART, Philippe. (org.). Questões para a história do presente. In: **Questões para a história do presente**. Trad. Ilka Stern Cohen. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Sagrado Coração, 1995, cap. 1, p. 7-37.

D'ANDRÉA, Carlos. Colaboração, edição, transparência: desafios e possibilidades de uma “wikificação” do jornalismo. In: SOSTER, D. FIRMINO, F. **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração ad forma**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009.

ESCOBAR, Juliana Lúcia. **Blogs** como nova categoria de webjornalismo. In: AMARAL, Adriana. MONTARDO, Sandra. RECUERO, Raquel. (orgs.) **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 217-236. Disponível em: <<http://www.sobreblogs.com.br/blogfinal.pdf>>. Acesso em 16 nov. 2009.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. SCHMITT, Valdenise. A Cauda Longa e o jornalismo: como a teoria da Cauda Longa se aplica no jornalismo. **E-Compos**. Ago. de 2007. Disponível em <http://www.compos.org.br/files/09ecompos09_Schmitt_Fialho.pdf>. Acesso em 16 nov. 2009.

HOBBSAWM, Eric. O presente como história. In: **Sobre história**. Trad. Cid Knipel Moreira. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, cap. 18, p. 243-255.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.217-240.

LINDEMANN, Cristiane. A dualidade do webjornalismo participativo. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, ano IV, n.2, p.47-58, 2007.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O cibermuseu: informação, objetos e memória Social. 1º colóquio em comunicação e sociabilidade: comunicação midiática, instituições valores e cultura. **Anais...** Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/pontogris/OLIVEIRA_jose.pdf>. Acesso em 30 nov. 2009.

PRIMO, Alex. TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e produção aberta de notícias**. *Contracampo* (UFF), v.14, p. 37-56, 2006.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e Jornalismo. In: CHAVEAU, Agnès. TÉTART, Philippe. (org.) **Questões para a história do presente**. Trad. Ilka Stern Cohen. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Sagrado Coração, 1995, cap. 8, p. 119-126.